



Um estudo do gênero abstract na disciplina de Antropologia: a heterogeneidade da(s) área(s)

*A study of abstracts in anthropology:
the heterogeneity within the field(s)*

Beatriz Gil (FATEC – Catanduva)

Solange ARANHA (UNESP)

RESUMO

Este artigo analisa a constituição do gênero abstract de artigos de pesquisa em suas características retóricas e linguísticas na disciplina de Antropologia em um corpus de 24 abstracts, retirados de dois periódicos Qualis A1. O modelo de movimentos retóricos proposto por Gil (2011) e os conceitos de stance, hedges e boosters (cf.: Hyland 1998, 2002, 2011) foram usados. Mesmo sendo da mesma área, os periódicos são frutos de fazeres de pesquisa múltiplos, ou seja, as disciplinas e as fronteiras ocupadas pelas pesquisas são determinantes na constituição desses gêneros, o que corrobora a noção de tipificação (cf.: Bazerman 2006, 2009).

Palavras-chave: *Gênero resumo; Stance; Hedges; Boosters.*

ABSTRACT

This paper analyzes the genre research article abstract across Anthropology. Twenty-four abstracts were selected from two Anthropological journals. The corpus was analyzed based on Gil's model (2011) and the concepts of hedges and boosters from Hyland (1998, 2002, 2011). The results indicate that the journals occupy different boarders within the subject. JHE is aimed at hard and quantitative researches, whereas CA is focused on interpretative and qualitative researches. These differences shape the materialization of the abstracts, supporting the claim that the boarders influence directly in the constitution of the academic genres, corroborating Bazerman's notion of tipification (2006, 2009).

Key-words: *Abstracts; Stance; Hedges; Boosters.*

Introdução

Publish or perish. Dentro do contexto acadêmico, são incontáveis os textos e artigos científicos que utilizam esse provérbio para introduzir, discutir ou justificar a necessidade da divulgação de pesquisas científicas, uma vez que é pressuposto da/na academia que todo pesquisador deva publicar para que ele/ela e seu trabalho alcancem relevância dentro de determinada área de pesquisa. Apesar de, à primeira vista, o provérbio parecer cruel, ele demonstra a importância da escrita de textos acadêmicos para as áreas científicas, posto que é por meio deles que a comunidade acadêmica toma conhecimento dos estudos que estão sendo conduzidos e de seus resultados, e consegue traçar novos rumos e interesses de pesquisa. Nesse sentido, Aranha (2004: 12-13) afirma que:

A divulgação escrita de trabalhos científicos acadêmicos expande as possibilidades de partilha e discussão de pesquisas que, de outra forma, ficariam ignoradas ou restritas a pequenos grupos ou a determinadas regiões geográficas. A publicação de trabalhos acadêmicos é o cerne do avanço de conhecimento científico, além de favorecer a projeção do pesquisador dentro de sua comunidade acadêmica.

No contexto globalizado da academia, o meio mais eficaz para essa divulgação dos trabalhos científicos acadêmicos e para uma projeção maior dentro de uma comunidade de pesquisa parece ser cumprir a

triade: publicar um *artigo de pesquisa em língua inglesa* em uma *revista de alto fator de impacto*. Os artigos de pesquisa são considerados gêneros curtos e de fácil acesso, conforme defendido por Swales (2004), que são publicados, na maioria das vezes, em língua inglesa – a língua franca da ciência devido a inúmeros fatores históricos e econômicos. As revistas de alto fator de impacto recebem essa denominação pelo prestígio dentro da academia, já que são o veículo de acesso para outros pesquisadores.

Dentro do artigo de pesquisa, destaca-se outro gênero: o *abstract*. Diversos autores já argumentaram sobre a sua importância para o artigo. Em sua tese, Aranha (2004: 47), por exemplo, afirma que “uma vez que o leitor seleciona um texto acadêmico a ser lido – e ele parece fazê-lo por meio do título e do resumo [...]”. Para Bhatia (1993) a função do *abstract* é apresentar uma ideia concisa do que o artigo propõe em sua extensão. Swales e Feak (2009: 2) escrevem que o resumo apresenta pelo menos quatro funções distintas:

- minitextos autônomos que apresentam ao leitor um curto sumário a respeito do tópico da pesquisa, metodologia e principais resultados;
- dispositivos de projeção que ajudam os leitores a decidir se querem ler o artigo inteiro ou não;
- prévias do que os leitores pretendem ler no artigo completo, dando um mapa de leitura;
- um índice de ajuda para escritores de *abstracts*, profissionais e editores.

Apesar de ser um gênero curto, de acordo com Swales (1990), o *abstract* é composto de um parágrafo simples com uma média de quatro a dez sentenças completas, a sua constituição pode ser uma tarefa árdua para o pesquisador. Hyland (2011: 184)¹ afirma que “não existem falantes nativos de inglês acadêmico”, isto é, a linguagem acadêmica é uma linguagem “única”, uma vez que mais do que a proficiência no idioma, é necessário conhecimento das características dos gêneros, das características da comunidade discursiva na qual eles se

1. “There are no native speakers of academic English”.

inserir, sua função dentro dessa comunidade, o conteúdo esperado a ser desenvolvido, a forma pela qual esse conteúdo é formatado e apresentado, entre outros.

É essa capacidade de usar o gênero que separa os indivíduos experientes dos leigos ou daqueles que estão iniciando sua vida acadêmica: a “estabilidade instável” dos gêneros e os diversos fatores que os modelam e influenciam parecem ser fulcrais nas modernas abordagens teóricas sobre os gêneros discursivos/textuais, conforme salientam Swales (2004), Bhatia (2004), dentro da Análise de Gênero na linha sociorretórica, e Bazerman (2006, 2009), na Nova Retórica na perspectiva sóciointeracionista.

Em 2004, Swales propõe pensar o gênero por meio de metáforas. Uma delas postula o gênero como padrão, ou seja, ao se escolher um gênero, automaticamente são selecionados alguns padrões linguísticos e retóricos inerentes a ele. Entretanto, a existência de uma estrutura reguladora não exclui a possibilidade de escolhas para o escritor. Mesmo que se pré-selecionem traços característicos e constitutivos do gênero, permite-se ainda que o escritor tenha liberdade de escolha dentre as suas restrições. A consciência desse traço paradoxal, dos espaços de regulamento e liberdade é que separa um novato de um membro perito na comunidade discursiva. Devitt (1997: 54 *apud* Swales 2004: 63) argumenta que “somente quando entendermos gêneros tanto como restrição e escolha, regularidade e caos, inibição e permissão é que seremos capazes de ajudar os estudantes a usar criticamente e efetivamente o poder do gênero”.²

Nesta mesma direção, Bhatia (2004: 142) frisa dois aspectos fundamentais ao se pensar o gênero: primeiro, ele ocorre em situação e contextos específicos que permitem a existência de uma estrutura relativamente estável e reconhecível e, segundo, ao mesmo tempo em que possui essa estabilidade, não é algo fixo, sendo passível de mudanças e alterações.

2. Only when we understand genres as both constraint and choice, both regularity and chaos, both inhibiting and enabling will we be able to help students to use the power of genre critically and effectively.

Bazerman (2009) propõe a relação do gênero com as esferas de atividade em que circulam, aprofundando-se na questão social, e oferecendo subsídios para se observarem e compreenderem os gêneros em suas relações mais complexas. O autor ainda salienta as relações que um gênero estabelece com outros e, principalmente, como a utilização de um gênero reflete as trocas e estruturas de uma sociedade ou comunidade. Em linhas gerais, pode-se afirmar que uma das ideias que norteia a Nova Retórica é “como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento, fazendo uso de textos” (Bazerman 2009: 19).

Um dos principais conceitos dessa perspectiva é a *tipificação*, definida como “a regularidade com que os textos executam tarefas reconhecidamente similares, e para ver como certas profissões, situações e organizações sociais podem estar associadas a um número limitado de tipos de textos” (Bazerman 2009: 19). São dessas ações tipificadas e dessa padronização que emergem os gêneros. A maioria dos gêneros apresenta características recorrentes que facilitam a sua constatação, ou seja, possuem uma forma que permite mais facilmente o reconhecimento da tipificação. Apesar de essas características que permitem a identificação do gênero ser, na maioria das vezes, relacionadas com as funções ou atividades realizadas por ele, um alerta dado pelo autor é que, mesmo marcado por facetas padronizadas, os gêneros podem sofrer alterações ao longo do tempo, das situações, dos campos, das novas necessidades e também de acordo com a intenção dos escritores, destacando a questão da flexibilidade dos gêneros e sua existência somente em relação ao uso.

No que tange à questão da padronização dos gêneros, é fundamental a discussão sobre as políticas editoriais dos periódicos científicos. Ao elencar uma série de exigências que o pesquisador-autor deve cumprir a fim de ter o seu texto aceito no periódico, as políticas padronizam o conteúdo esperado nos artigos e as partes relevantes que os artigos devem apresentar. Dessa forma, se a política editorial de determinada publicação exige que os artigos sejam voltados à pesquisa antropológica em fósseis e que a seção de metodologia é primordial, logo, um artigo que trate da pesquisa em seres vivos e que não apresente metodologia não será aceito.

Ainda na discussão dos elementos repetitivos e estáveis do gênero, é importante frisar os modelos de movimentos retóricos. Utilizando a definição de Aranha (2004: 47) tem-se que:

O termo *movimento* será entendido aqui como o conteúdo encontrado (ou que se deve encontrar) em uma determinada parte de um texto, organizado de uma forma específica, sem menção à sua estrutura linguística propriamente dita. É o tipo de informação julgada pertinente a determinado propósito comunicativo.

O modelo, portanto, reuniria todos os movimentos retóricos possíveis e esperados para determinado gênero, auxiliando o pesquisador durante o processo de escrita. A literatura da Análise de Gênero na linha sociorretórica apresenta dois modelos de destaque para o gênero *abstract*: o modelo de Bhatia (1993: 90) e o de Swales e Feak (2009: 9).

O modelo de Bhatia pressupõe que todo *abstract* apresenta quatro movimentos retóricos distintos: objetivos, metodologia, resultados e conclusão. Já o modelo de Swales e Feak contempla cinco movimentos diferentes (contextualização/introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusão), que podem ser combinados de várias maneiras de acordo com a área e a comunidade de pesquisa na qual o texto se insere.

Quanto ao viés da instabilidade e seus espaços de modificação, enfoca-se a questão da influência das áreas de pesquisa na constituição dos gêneros. Becher e Trowler (2001) argumentam sobre como, nos últimos anos, o contexto acadêmico universitário se modificou drasticamente, por exemplo, pela internacionalização do conhecimento e pela maior acessibilidade das pessoas à educação superior.

Para os autores, uma das consequências dessa mudança de cenário foi o aumento das áreas de conhecimento e sua fragmentação em subáreas. Essa “explosão” de áreas/disciplinas pode ser medida pelo aumento do número de departamentos em universidades e de cursos oferecidos na educação superior, da proliferação de associações e revistas especializadas, e da multiplicação de tópicos de pesquisa reconhecidos.

O principal argumento dos autores, e que corrobora o ponto de vista desenvolvido ao longo deste artigo, é de que a forma pela qual

os diferentes grupos acadêmicos se engajam com suas atividades profissionais está diretamente relacionada com as atividades intelectuais que desempenham. O recorte de interesse que fazem do mundo, a maneira pela qual veem e refletem sobre esse recorte e a forma pela qual se desenvolvem são cruciais na construção das disciplinas, nas suas práticas sociais, valores, atitudes e coerência ao longo do tempo e dos lugares.

Neste estudo, o interesse é investigar as disciplinas pelo viés de suas características e como elas influenciam a materialização de gêneros acadêmicos. A divisão mais conhecida e utilizada na definição das disciplinas é seu enquadramento nas grandes áreas das Ciências Humanas e Sociais, “ciências moles” (*soft sciences*) e Ciências Exatas e Biológicas, “ciências duras” (*hard Science*). Becher e Trowler (2001), entretanto, defendem que essa noção é dicotômica e que existem outras formas de se pensar as áreas e suas disciplinas, colocando-as em um *continuum*. As disciplinas humanas podem ser mais próximas de disciplinas exatas do que de outra disciplina humana, dependendo da sua orientação e do seu recorte de pesquisa, aumentando, assim, a flexibilidade na forma de se ver as disciplinas e suas fronteiras com outras. Essas fronteiras podem ser comuns e compartilhadas por disciplinas de diferentes naturezas (matemática e ciências políticas), por isso, às vezes, a relação entre a disciplina e seus “vizinhos” intelectuais pode influenciar diretamente na forma pela qual o conhecimento é construído e compartilhado.

As disciplinas são de caráter multi-dimensionais, mesmo que uma apresente um objeto de estudo já definido, ele pode se modificar se analisarmos suas subdisciplinas, por exemplo. Elas também se diferenciam pelas suas intenções, enquanto umas são mais preocupadas com a reflexão e com o saber, outras são centradas no fazer. A forma de saber ou fazer também as coloca em relação de irmandade ou não (método explicativo, indutivo, saber filosófico, empírico).

Nesta mesma linha, Hyland (1998, 2002, 2011) discute a questão da influência dos fazeres científicos na materialidade do texto e do gênero, por meio da escolha lexical (*hedges* e *boosters*, dentre outros) realizada pelos pesquisadores-autores. Os *hedges* e *boosters* são recursos que se voltam para os esforços do escritor em dosar sua personalidade no

texto e construir uma relação apropriada com seus dados, argumentos e público, mais especificamente como ele apresenta suas opiniões, julgamentos e compromentimentos.

Os *hedges* são dispositivos linguísticos que permitem ao autor modalizar determinada informação como uma opinião, uma interpretação e não como um fato. Os usos de palavras como *might* (poderia), *perhaps* (talvez) e *possible* (possível), por exemplo, são formas de abrandar o discurso. Em contrapartida, os *boosters* são usados para exprimir certeza sobre alguma proposição ou opinião. São vocábulos e expressões como *must* (deve), *for sure* (com certeza), *without doubt* (sem dúvidas).

Ao aplicar os conceitos acima em um corpus de 240 artigos de pesquisa, divididos entre oito disciplinas do conhecimento, Hyland (2011) observa que há grandes diferenças entre as disciplinas humanas/sociais e exatas/biológicas, e que essas refletem a forma como cada uma concebe a pesquisa e o discurso acadêmico. As Ciências Humanas e Sociais, por exemplo, são mais interpretativas e influenciadas por fatores contextuais. Como há uma diversidade nos resultados de pesquisa e diversos pontos de vista sobre o mesmo objeto, há uma necessidade de promover um diálogo maior, por meio do reconhecimento de outras vozes. Há um esforço maior em estabelecer credibilidade e criar um entendimento com os leitores. Esse traço constitutivo é confirmado pela maior presença de *hedges* e *boosters* do que as disciplinas exatas, por exemplo. O primeiro permite que o autor seja mais cauteloso, sem impor somente uma explicação para determinado fato, enquanto o segundo ajuda a estabelecer o significado da pesquisa.

Já nas Engenharias e Ciências Exatas, a crença é de que o texto e os fatos devem falar por si só, levando os autores a privilegiar uma objetividade linguística, desconsiderando posicionamentos mais interpretativos. Hyland (2011) também aponta que, nessa área, os pesquisadores estão mais familiarizados com pesquisas e textos anteriores, além de dividirem um conhecimento partilhado maior e se calcarem nos mesmos métodos, não sendo necessário, portanto, um forte elemento interpessoal, permitindo uma visão mais impessoal e indutiva da ciência, uma visão que mostra o cientista “descobrimdo” a verdade e não construindo uma. Apesar de haver o uso de *hedges* e *boosters*, eles estão presentes em menor quantidade do que nas Ciências Humanas

e Sociais como uma forma de diminuir o papel do escritor, e garantir uma escrita mais impessoal.

Os argumentos centrais de Hyland (2011: 196) para o emprego de uma análise interativa e interacional no discurso acadêmico é o de que a academia não produz apenas textos que representam plausivelmente uma realidade externa, e sim usam a linguagem para reconhecer, construir e negociar as relações sociais. As diferentes formas no uso dessa linguagem nos mostram como os escritores veem seus leitores e as disciplinas das quais fazem parte.

Todos esses traços constitutivos do gênero de padronização e flexibilidade discutidos acima, às vezes, parecem muito óbvios para alguns que o estudam como recorte de pesquisa ou que já estão inseridos há tempos no meio acadêmico e cientes dos seus “direitos e deveres”, ou seja, já são proficientes no discurso acadêmico. Para outros pesquisadores, esses traços não são óbvios, ou seja, tanto a análise dos elementos padronizados, que oferece subsídios para que o pesquisador-autor comece o processo de escrita de forma mais adequada ao esperado pela comunidade, quanto à observação dos elementos flexíveis, conscientizando os membros dos espaços de ação que possuem, carecem de estudos mais aprofundados.

Neste contexto de padronização e mutação, este artigo analisa e compara a materialização retórica e linguística do gênero *abstract* em 24 artigos da disciplina de Antropologia, em dois periódicos internacionais e *Qualis A* da área: *Journal of Human Evolution* e *Current Anthropology*, ambos publicados em língua inglesa.

1. Metodologia

a) Procedimentos de Coleta

Os periódicos para análise foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios:

- ser publicadas em língua inglesa (língua franca da ciência e idioma da maioria dos periódicos com maior prestígio científico);

- apresentar *Qualis* A1 de acordo com a classificação realizada pela Capes;
- disponibilizar banco de dados online;
- apresentar em seu banco de dados um ranking de artigos mais citados dentro da publicação, uma vez que a escolha dos *abstracts* de artigos a serem analisados foi determinada pela sua importância/fator de impacto.³

As publicações escolhidas que atenderam a todas as exigências acima foram o *Journal of Human Evolution* (doravante JHE) e *Current Anthropology* (doravante CA). Foi estipulado o número de 12 *abstracts* para análise de cada periódico, totalizando, portanto, 24 *abstracts* para a pesquisa. Ao longo deste artigo, é empregada a terminologia A1 a A24 para se referir aos *abstracts*, sendo de A1 a A12 as amostras retiradas de JHE, e de A13 a A24 as amostras retiradas de CA. Os artigos de pesquisa cujos *abstracts* foram analisados foram os que, na data da coleta do corpus, encabeçavam o ranking de artigos mais citados dentro da publicação.

b) Natureza do corpus

Segundo a *American Anthropological Association* e a *Anthropology Report* em dois textos distintos, ambos nomeados “What is Anthropology?”, a Antropologia é uma disciplina que tem por objetivo estudar o homem em suas facetas passadas e presentes. Interessa-se por diferentes aspectos da vida humana, preocupando-se em estudar desde assuntos passados, como as origens do homem até questões recentes, como os efeitos da globalização nas populações e suas culturas, estudando as “tradições e mudanças”.

Costuma-se subdividi-la em linhas teóricas bem acentuadas, muitas vezes trabalhadas em conjunto. Essas subdivisões variam entre os países. Nos Estados Unidos, país onde os periódicos analisados são publicados, costuma-se dividi-la em quatro grandes tradições:

3. Fator de impacto é uma medida destinada a mostrar a relevância do periódico dentro de sua área, baseada na quantidade de citações de seus artigos dentro da academia. Quanto maior o fator de impacto de uma revista, mais lida ela é.

a Antropologia Sociocultural, a Biológica ou Física, a Linguística e Arqueologia.

Em linhas gerais, a *Antropologia Sociocultural* foca-se na relação entre as comunidades e seus povos, tais como organização social, econômica, política, religiosa, entre outros. Disciplinas como Sociologia, História, Psicologia, Geografia, Economia e Ciências Políticas são ciências afins dessa subdivisão. Já na *Antropologia Física ou Biológica*, as pesquisas se voltam aos seres humanos e primatas no que tange a sua evolução e genética. Portanto, são disciplinas afins Biologia, Genética, Anatomia, Fisiologia, Embriologia e Medicina. A *Antropologia Linguística* visa a entender os processos de comunicação humana, verbais e não-verbais, suas variações no tempo e espaço, a relação entre a linguagem e seus usos sociais e culturais. E, por fim, a *Arqueologia* é o estudo de civilizações humanas passadas por meio de resíduos materiais, uma de suas práticas mais recorrentes é a escavação de solo em busca de artefatos.

O periódico *Journal of Human Evolution* (JHE) se encontra dentro dos limites da Antropologia Física/Biologia e Arqueologia, uma vez que o editorial seleciona pesquisas voltadas a aspectos distintos relacionados à evolução humana, com foco na Paleoantropologia, estudo dos fósseis de humanos, e em estudos comparativos entre as espécies vivas. De acordo com a classificação da Capes, além de Qualis A1 em Antropologia e Arqueologia, classifica-se com Qualis A2 em Educação Física, Psicologia, Ciências Biológicas e Biodiversidade; B1 em Engenharia; e B2 em Astronomia e Física, apontando para a sua proximidade com as Ciências Exatas e Biológicas.

É publicado pela editora Elsevier, apresentando fator de impacto 3.638. No que concerne ao *abstract*, foco deste artigo, estipula-se que este deve vir no topo do artigo, não excedendo 300 palavras, sem abreviações e citações de autores, e deve dar ao leitor uma ideia geral do que se encontrará no artigo, entretanto sem se referir a ele, isto é, deve ser uma seção escrita independentemente e não deve ser um apanhado de trechos ou frases contidas no texto principal. As palavras-chave devem vir imediatamente após o *abstract* e não devem ultrapassar o número de seis. No corpo do texto, sugere-se a presença das seções de materiais e métodos, teoria e cálculo, resultado, discussão, conclusão e apêndices.

O periódico *Current Anthropology*, apesar de também ser um periódico da Antropologia, apresenta uma variedade maior de temas de interesse. Enquanto no periódico anterior a relação entre Antropologia e Paleontologia é mais evidente, apresentando uma interface maior com áreas biológicas e exatas, o escopo deste é mais abrangente, aceitando artigos que estudam Antropologia sob os vieses sociais, culturais, folclóricos, entre outros. Esta diferença de interesses faz com que esta revista se aproxime do campo da Antropologia Cultural e, portanto, apresente um diálogo maior com outras disciplinas Humanas, tais como Ciência Políticas, História, Economia e Sociologia. Este fato é corroborado pela classificação da Capes, na qual a publicação além de A1 em Antropologia e Arqueologia, também é A1 nas áreas Interdisciplinar, Sociologia e História e A2 em Psicologia. É essencial que os textos na revista sejam escritos em inglês e apresentem um *abstract* de no máximo 200 palavras. Não traz mais informações sobre palavras-chave e seções esperadas.

c) Metodologia de Análise

A investigação foi conduzida em duas frentes. A primeira delas, a análise dos movimentos retóricos, foi feita baseada no modelo de Gil (2011), apresentado abaixo, a fim de verificar sua (não) pertinência para a disciplina analisada.

Quadro 1 – Modelo de Gil (2011) para o gênero *abstract* de artigos científicos

Movimento 1 (M1) – Contextualização: Nesse movimento, o autor introduz o leitor na área em que a pesquisa está inserida, no panorama atual do problema que será discutido ou ainda uma breve explicação de ferramentas de pesquisa, textos, autores, entre outros que serão usados pelo autor.
e/ou

Movimento 2 (M2) – Objetivos: Esse movimento tem por finalidade mostrar ao leitor quais os objetivos do autor com a pesquisa.
e/ou

Movimento 3 (M3) – Metodologia: Aqui, o autor informa o leitor de como a pesquisa foi realizada, metodologia, dados, linhas de pesquisa.
e/ou

Movimento 4 (M4) – Resultados: A função do movimento Resultados é indicar alguns dos resultados encontrados na pesquisa.
e/ou

Movimento 5 (M5) – Conclusões: Nesse movimento o autor interpreta os resultados encontrados.

[Os movimentos acima] Ou

Movimento único (ME) – Estruturação: O autor estrutura todo seu resumo em forma de passo a passo, cada oração tem por finalidade esclarecer um ponto que será encontrado no artigo. Isto não está no modelo. Existem duas possíveis ocorrências em dois possíveis modelos, que são excludentes, ou seja, se o autor opta por um, não ocorre o outro.

O modelo de análise apresenta cinco movimentos retóricos possíveis, os quais podem ser combinados concomitante e distintamente, por exemplo, M1-M2-M4 ou M2-M3-M4, e assim sucessivamente. E uma segunda possibilidade, denominada estruturação, excludente dos movimentos anteriores.

A segunda frente, análise dos elementos linguísticos, foi conduzida com base nos estudos de *hedges* e *booster*, de Hyland (1998, 2002, 2011). Para a realização deste estudo, utilizou-se a lista de termos criada por Hyland (2011) e a busca das palavras foi feita pela ferramenta *Concord*, do programa *WordSmith Tools*, que permite procurar por léxicos específicos dentro de um corpus e observar em que posição do texto ou da frase eles ocorrem.

2. Resultados e discussão

2.1. Análise Retórica

A aplicação do modelo de Gil (2011) nos permitiu observar que, apesar dos dois periódicos serem da mesma disciplina, a forma padrão pela qual o *abstract* se materializa em ambos os periódicos é muito distinta. Enquanto JHE apresenta uma estrutura padrão do gênero, conforme esperado pela literatura, CA utiliza uma estrutura não convencional, sem detalhamento de metodologia e resultados, conforme quadro abaixo.

Quadro 2 – Resultados quantitativos dos movimentos retóricos propostos por Gil (2014) para análise de *abstracts*

	JHE	CA
Movimento 1	75% (9 de 12)	83,3% (10 de 12)
Movimento 2	91,6% (11 de 12)	33,3% (4 de 12)
Movimento 3	83,3% (10 de 12)	25% (3 de 12)
Movimento 4	83,3 % (10 de 12)	8,3 % (1 de 12)
Movimento 5	91,6% (11 de 12)	41,6% (5 de 12)
Movimento Estruturação	0% (0 de 12)	50% (6 de 12)

2.1.1. Movimento 1 (Contextualização)

O primeiro movimento, ou M1, denominado *Contextualização* é um dos movimentos retóricos possíveis para iniciar o resumo. Por este motivo, a informação encontrada nele costuma ser mais abrangente, permitindo que o autor introduza aspectos que considere relevante para o leitor, tais como a linha teórica utilizada, conceitos, relações de corroboração ou não com outras ideias correntes na área, ou seja, qualquer tipo de informação que permita o estabelecimento do território de pesquisa.

Dos 24 artigos estudados, cinco (A1, A5, A11, A13, A24) não apresentaram o Movimento de Contextualização em sua organização retórica. Destaca-se que desses cinco *abstracts*, dois deles (A11 e A13) apresentaram apenas um movimento.

Adicionalmente, por ser um movimento que prevê como conteúdo diferentes tipos de informação, é mais difícil perceber elementos linguísticos recorrentes. Foi comum a presença de sintagmas nominais tais como *great importance*, *deeply studied*, *widely cited*, a fim de mostrar a importância e a relevância do tópico de pesquisa para a área. Em A3, por exemplo, há o uso da expressão *great interest to paleoanthropologists*, estabelecendo o mérito do que será investigado na área.

A3: [1] Ascertaining the timing of the peopling of Europe, after the first out-of-Africa demographic expansion at the end of the Pliocene, is of great interest to paleoanthropologists.

Quando há revisão de literatura no *abstract* é comum que ela seja introduzida por sintagmas nominais genéricos, como *Recent research*

suggests ou *Previous studies in the field*, por exemplo, sem citar nomes de autores e anos de publicação. Outro traço dessa “revisão de literatura” no *abstract* é que, apesar de ser implícito que as informações expostas são resultado de outras pesquisas, elas são colocadas como se derivadas do senso comum. Em A8, por exemplo, apesar de a afirmação de que humanos têm olhos mais visíveis do que outros primatas ter sido estruturada como um senso comum, ela só foi possível após pesquisas anteriores.

A8: [1] As compared with other primates, humans have especially visible eyes (e.g., white sclera).

Por fim, também foram notadas sentenças negativas nos *abstracts* no M1, criando uma brecha ou uma falha na área, a fim de justificar a pesquisa conduzida ao longo do artigo. Linguisticamente, esse tipo de informação foi materializado com o uso de verbos que denotam falhas e problemas (*mislead, misinterpret, ignore, restrict, lack, etc.*), conjunções adversativas (*however, despite of, but, nevertheless*), adjetivos e substantivos (*difficult, problems, unknown, controversial, etc*) e outras expressões negativas (*no, any, none*). Alguns exemplos dessa realização no corpus:

A19: [2] Cultural relativism, read as moral relativism, is *no longer appropriate* to the world in which we live, and anthropology, if it is to be worth anything at all, must be ethically grounded.

A3: [1] [M1] Ascertaining the timing of the peopling of Europe, after the first out-of-Africa demographic expansion at the end of the Pliocene, is of great interest to paleoanthropologists. **[2] [M1]** One of the earliest direct evidences for fossil hominins in western Europe comes from an infilled karstic cave site called Gran Dolina at Atapuerca, in a stratum ~ 1.5 m below the Brunhes-Matuyama (B-M) geomagnetic boundary (780 ka) within lithostratigraphic unit TD6. **[3] [M1]** *However*, most of the meters of fossil- and tool-bearing strata at Gran Dolina *have been difficult to date*.

Em relação ao primeiro movimento, não foram observadas grandes diferenças entre os dois periódicos. Tanto os traços retóricos quanto os linguísticos foram semelhantes e consistentes no corpus, ou seja, a forma de introduzir o *abstract* em ambos os periódicos se dá pela

mesma estratégia de “chamar a atenção para importância da pesquisa” e “apontar problemas e falhas nas pesquisas anteriores”.

2.1.2. Movimento 2 (Objetivos)

O segundo movimento, M2, apresenta os objetivos da pesquisa, ou seja, o que o autor fez ou pretendeu fazer em seu trabalho. Em JHE, houve uma alta recorrência desse movimento, apenas um *abstract* não apresentou os objetivos da pesquisa - A11, uma vez que apresentou apenas movimento de Resultados. Já em CA, as amostras A13, A16, A17, A18, A20, A21, A22, A23 não trouxeram os objetivos da pesquisa, ou seja, esse movimento apareceu em apenas quatro *abstracts*. Esse dado aponta para o fato de que, até o momento, a contextualização da pesquisa é mais importante do que a introdução aos objetivos em CA.

Em relação aos elementos linguísticos, M2 é o movimento que apresenta mais estruturas fixas para auxiliar o escritor. É comum a combinação do pronome dêitico *this* + substantivos que remetem à materialidade do texto (*paper, article, study, report, contribution*) + verbos de ação conjugados no passado (*investigated, determined*) ou no presente na terceira forma do singular (*analyzes, explores*).

A1: [1] *This paper combines* the data sets available today for 14C-age calibration of the last 60 ka.

A24: [1] *This paper examines* the current trend in anthropology towards the development of a *moral* discipline with models of the world that contain explicit moral judgments.

Outra estrutura possível para iniciar o M2 é uso de pronomes de primeira pessoa (*I, we*) + verbos de ação conjugados no passado ou presente (*address, investigated, examine*).

A10: [6] *We present* a geometric morphometric study that quantitatively evaluates the chignon, assesses its usefulness in separating Neanderthals from modern humans, and its degree of similarity to Upper Paleolithic ‘hemibuns.

A21: [2] *We propose* a remedial program for neoevolutionary theory that will help it avoid these shortcomings.

Como mostrado no Quadro 02 acima, mais de 90% dos *abstracts* de JHE apresentaram M2, contra menos de 40% dos *abstracts* CA. Aqui é possível observar a primeira indicação de que a configuração retórica dos periódicos se diferencia, trazendo indícios da mudança de perspectiva quanto à natureza e aos recortes da Antropologia em cada um deles.

2.1.3. Movimento 3 (Metodologia)

O terceiro movimento, Metodologia (doravante M3), é utilizado para descrever os procedimentos utilizados na condução da pesquisa e os métodos empregados. Em artigos que apresentam pesquisas originais, é imprescindível que a metodologia seja bem detalhada e explicada com o intuito de que qualquer pesquisador que siga o procedimento chegue a resultados semelhantes, validando o encontrado.

A recorrência dos movimentos se mantém. M3 aparece em 10 *abstracts* de JHE (83%); em contrapartida aparece em apenas 3 *abstracts* de CA (25%). A quantificação dos movimentos em palavras, ou seja, quantas palavras do total do corpus foram utilizadas para estabelecer cada movimento, também nos ajuda a verificar essa diferença. CA despense apenas 3% do seu total de palavras para a explicação da metodologia, enquanto JHE direciona 13% para a mesma finalidade.

Quanto aos elementos linguísticos, foi comum a metodologia ser descrita por meio de voz passiva com verbos tanto no passado quanto no presente em ambos os periódicos:

A1: [2] By stepwise synchronization of paleoclimate signatures, each of these sets of 14C-ages *is compared with* the U/Th-dated Chinese Hulu Cave speleothem records, which shows global paleoclimate change in high temporal resolution.

A12: [6] These tests *are based on* thirty-seven standard cranial measurements from a sample of 2524 modern humans from 30 populations and 20 Neandertal fossils.

A14: [3] The utility of the model *is assessed by* applying it to two known shamanistic rock arts, San and Shoshonean Coso.

Neste ponto, é possível também observar uma diferença na natureza das metodologias empregadas nas pesquisas dos dois periódicos. Os *abstracts* em JHE constroem metodologias mais longas, com a descrição mais detalhada do processo de pesquisa. Foi comum o emprego de análises laboratoriais, estatísticas, estudo de objetos físicos, ou seja, o predomínio foi de métodos quantitativos de pesquisa.

A3: [4] Therefore, we applied both thermoluminescence (TL) and infrared-stimulated-luminescence (IRSL) multi-aliquot dating methods. [5] We also applied these methods to samples from the present-day surface soils on the surrounding limestone hill slopes. [6] Within the uppermost 4 m of the cave deposits at Gran Dolina, TL and paired TL and IRSL ages range stratigraphically from 198 ± 19 ka to 244 ± 26 ka.

A metodologia em todos é extensa e bem detalhada, com informações precisas do que foi analisado, em quais quantidades e de que forma. Em A3, por exemplo, os autores aplicam termoluminescência em amostras de sedimentos colhidos de locais distintos a fim de verificar as quantidades de luminescência presente nos dois locais.

Já as metodologias referentes à CA, além de menos recorrentes, são menores em extensão e não tão detalhadas quanto as anteriores. Adicionalmente, os métodos utilizados são qualitativos, ou seja, mais interpretativos, calcando-se principalmente na análise e interpretação de dados já existentes de algum tipo de banco de dados nacional, análise de entrevistas com participantes empíricos e aplicação de teorias e modelos em alguma situação real.

A18: [3] Examination of the different historical experiences of two San groups, one largely dependent on its Bantu-speaking neighbours and the other (until recently) substantially autonomous [...]

No exemplar A18, o método empregado é a análise das diferenças históricas de dois grupos distintos, um autônomo e outro dependente de outro grupo. Além do método aqui ser mais interpretativo, não há informações muito específicas: como essa análise será feita e como esses dados foram encontrados.

A natureza das metodologias é fundamental para suportar o defendido ao longo deste artigo. Fica mais evidente a diferente natureza

das pesquisas realizadas pelos membros dos dois periódicos. O fazer pesquisa se difere, essas distintas posturas científicas não se restringem apenas à prática, elas são trazidas e fundamentadas na materialização dos textos de cada disciplina, fortalecendo a discussão e o ponto de vista pelo qual as práticas e dinâmicas subjacentes a cada disciplina molda os gêneros utilizados por elas, ou seja, a sua tipificação.

2.1.4. Movimento 4 (Resultados)

O quarto movimento retórico previsto é denominado Resultados e seu propósito é, de maneira breve, apresentar os principais achados da pesquisa.

A recorrência deste movimento em ambos os periódicos se manteve coerente com o já observado até aqui: 10 exemplares de *abstracts* de JHE trazem os resultados de pesquisas, contra apenas 1 de CA. Esse dado nos faz questionar a obrigatoriedade deste movimento para todas as disciplinas e subdisciplinas, uma vez que quase todos *abstracts* de CA não apresentam M4 e foram aceitos pela comunidade como algo esperado e padrão, caso contrário não teriam sido publicados em uma revista A1.

Quanto às características linguísticas deste movimento, foram analisados os tempos e vozes verbais mais comuns em M4 e também o uso de estruturas com *that* e/ou sujeitos vazios (*it, there to be*):

A5: [4] Results from a separate quartz and crystal-quartz sample may indicate that different adhesive [...]

A2: [5] It was probably excavated from [...]

Assim como no movimento anterior - M3 - foi possível detectar diferenças não só na recorrência de M4, mas também na forma pela qual os autores estabelecem o movimento. Em JHE, a apresentação dos principais resultados da pesquisa é o movimento mais longo, que utiliza maior número de frases no *abstract*, descreve fielmente os achados, apresenta numerais, porcentagens e estatística.

A2: [4] [M4] Stratigraphic reasons for earlier uncertainties about the antiquity of the skull are examined, and it is shown not to be an ‘intrusive’ artifact. [5] [M4] It was probably excavated from fluvialpond- desiccation deposits that accumulated episodically in a shallow basin immediately behind the cave entrance lip, in a climate that ranged from times of comparative aridity with complete desiccation, to episodes of greater surface wetness, changes attributed to regional climatic fluctuations. [6] [M4] Vegetation outside the cave varied significantly over time, including wet lowland forest, montane forest, savannah, and grassland. [7] [M4] The new dates and the lithostratigraphy relate the Deep Skull to evidence of episodes of human activity that range in date from ca. 46,000 to ca. 34,000 years ago. [8] [M4] Initial investigations of sediment scorching, pollen, palynomorphs, phytoliths, plant macrofossils, and starch grains recovered from existing exposures, and of vertebrates from the current and the earlier excavations, suggest that human foraging during these times was marked by habitat-tailored hunting technologies, the collection and processing of toxic plants for consumption, and, perhaps, the use of fire at some forest-edges.

A2 utiliza cinco frases longas para descrever M4, começa apresentando um resultado mais geral “x não é um artefato intrusivo”, e depois descreve resultados mais específicos enquanto os justifica tanto com base em evidências quanto com base em interpretações. Os resultados são tão detalhados que poderiam até dispensar a leitura do artigo como um todo.

Já em CA, não houve dados suficientes para discutir a natureza dos resultados, uma vez que ele não foi representativo. Essa diferença se acentua mais ao se comparar a quantidade de palavras usadas entre os grupos para o estabelecimento de M4. Enquanto JHE usa 40% de seu total de palavras para os resultados, CA utiliza apenas 10%, reforçando a hipótese de que o status de M4 entre os dois grupos é diferente.

2.1.5. Movimento 5 (Conclusões)

O quinto e último movimento, Conclusões, pode trazer à interpretação e discussão dos dados encontrados, encaminhamentos para pesquisas futuras e até mesmo uma avaliação da importância do que foi encontrado para a respectiva área.

Os sinalizadores linguísticos mais prototípicos de M5 foram o uso de pronome dêitico ou artigo definido (*This/These/The*) + substantivos que remetem aos achados da pesquisa (*results, findings, data*) + verbo no presente (*suggest, provide, support, demonstrate*) e também uso de sujeito pessoal (*I/We*) + verbo:

A10: [12] We conclude that [...]

A22: [10] Taken together the models suggest two competing foraging goals: feeding one's family and gaining social benefits instead. [11] This highlights conflicts of economic interest among family members.

Em consonância com os achados acima, 91% dos abstracts de JHE trazem as conclusões da pesquisa contra apenas 41% de CA, ratificando a análise de que, apesar de o gênero ser o mesmo, terminologicamente falando, ele apresenta modificações que se adaptam às necessidades das comunidades e refletem suas práticas e seus fazeres de pesquisa.

2.1.6. Movimento único (Estruturação)

O último movimento é o de Estruturação (ME), incorporado ao modelo pela sua recorrência no corpus de pesquisa anterior. É interessante notar que os *abstracts* nos quais esse movimento foi encontrado possuem cunho de pesquisa mais interpretativo. Em ME, a informação é apresentada como se seguisse a estrutura do artigo, principalmente, a ordem dos argumentos e as afirmações desenvolvidos pelo autor.

A possibilidade de aplicar ME neste estudo levantou aspectos não observados e/ou não considerados inicialmente. O primeiro aspecto de diferenciação foi quanto à ocorrência de ME com outros movimentos. Em pesquisa anterior (Gil, 2011), ME não ocorreu com mais nenhum outro movimento; por este motivo foi classificado como movimento único. Já nesta pesquisa, ME não apareceu sozinho, ele sempre aparece em co-ocorrência com outros movimentos.

Outro aspecto observado é que, na realidade, ME não apresenta um conteúdo diferente do esperado nos outros movimentos (M1, M2, M3, M4 e M5). Nos exemplares nos quais observamos ME foi possível

deprender o objeto da pesquisa, em alguns casos a metodologia, e o que foi defendido e concluído pelos autores:

A20: [1] [M1] The symbolic anthropology that is increasingly ascendant in our discipline takes the study of cultures to be preeminently an interpretive quest. [2] [ME] Although finding much of deep value in it, *I argue* that our task goes well beyond interpreting cultural meanings and that interpretation itself is fraught with difficulties, some perhaps ultimately intractable. [3] [ME] *I suggest* that views of culture as collective phenomena need to be qualified by a view of knowledge as distributed and controlled – that we need to ask who creates and defines cultural meanings, and to what ends. [4] [ME] *I further suggest that* cultures as texts allow alternative readings and that, with our predilection for the exotic, we may read cultural metaphors too deeply.

O que diferencia ME do restante é a forma pela qual este conteúdo é apresentado. Enquanto os sinalizadores linguísticos dos outros movimentos tendem a ser mais objetivos (*this paper presents; the methodology used; the results show/suggest, etc.*) e mostrar ações mais concretas da pesquisa e do pesquisado - *I argue, I suggest, I further suggest* - ME se materializa com elementos menos objetivos e que acabam por focalizar a presença do pesquisador e de suas ações mentais de pensar e interpretar os dados (*argue, hypothesize, think*), tornando a pesquisa e seus achados mais interpretativos e subjetivos.

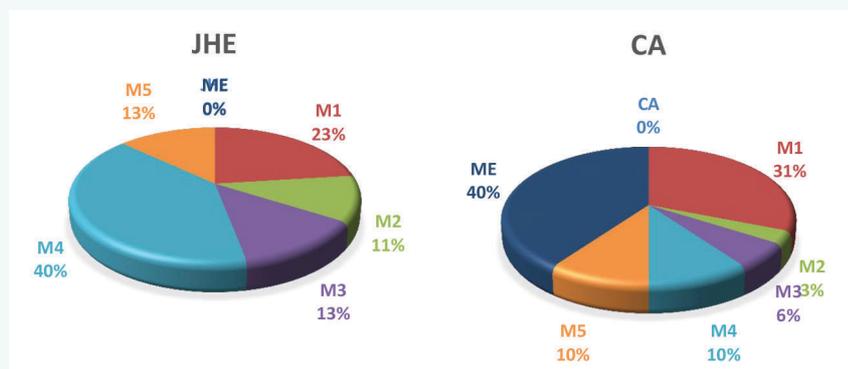
O ME, portanto, não seria um movimento novo para o *abstract* e sim uma nova possibilidade de materialização do conteúdo já esperado nos outros movimentos. Seria uma forma pela qual os sujeitos manipulam o gênero e seus elementos linguísticos de forma a atingir efeitos distintos, ao mesmo tempo em que cumpre o esperado pela comunidade. O fato de essa estratégia ter sido observada nos periódicos CA reforça o defendido ao longo deste artigo de que esse periódico representa pesquisas com vieses interpretativos, uma vez que essa estratégia de ME cria este efeito de sentido, cuja ação do pesquisador é mais destacada.

A análise de ME foi pautada pelos elementos linguísticos citados anteriormente. Dessa forma, o que influenciou a decisão de considerar ME ou não foi a estruturação do *abstract*, no sentido de um passo a passo na ordem dos argumentos encontrados no texto, e o paralelismo

de estruturas como *We/I argue, hypothesize, discuss, think, interpret*, entre outros.

2.2. A hierarquia de movimentos

A análise da recorrência de cada movimento indicou que a importância de cada um deles para cada publicação é diferente. Para embasar essa interpretação, foi feita uma quantificação do número de palavras utilizadas nos *abstracts* para cada movimento. Parte-se da premissa de que, considerando a quantidade limitada de palavras no *abstract*, as informações consideradas mais importantes serão as mais desenvolvidas e, conseqüentemente, serão as que apresentam maior quantidade de palavras. O *corpus* apresentou, de maneira geral, 4924 palavras na disciplina de Antropologia (3084 em JHE e 1840 em CA), com média de 205 vocábulos por *abstract*. Em porcentagem, tem-se:



A quantificação dos movimentos em JHE

A quantificação dos movimentos em CA

Figura 1 – Porcentagem de palavras por movimento nas diferentes revistas.

Essas discrepâncias podem levantar questões sobre a validade de modelos de estruturas retóricas, não somente do modelo de Gil (2011) discutido nesta seção, mas qualquer outro, uma vez que em cada disciplina o *abstract* é materializado de formas diferentes. Entretanto, a posição defendida aqui é que a função do modelo é oferecer instrumentos e subsídios necessários para que o pesquisador iniciante consiga

começar a fazer parte da comunidade que almeja pela conscientização das práticas de pesquisa e escrita esperadas por ela.

Bhatia (2004) afirma que há duas formas de o pesquisador iniciante se tornar um *expert* em seu meio: por meio da experiência e por meio da observação. A sistematização dos gêneros através de modelos permite que este pesquisador comece a se familiarizar com as práticas através da estabilidade, para que, ao longo do seu desenvolvimento e de sua experiência, manipule o gênero pela dinamicidade. O modelo é uma estrutura genérica que deve compreender o maior número de possibilidades a fim de que possa ser validado em um maior número de contextos possíveis. Afinal, não seria instrumental nem viável a criação de um modelo para cada disciplina ou subdisciplina existente, essa prática seria um trabalho hercúleo.

Além disso, as estruturas mais gerais previstas por um modelo só fazem sentido quando pensadas em função de um contexto e em consonância com os aspectos sociais da comunidade discursiva. São essas características sociais que direcionam o modelo e o tornam viável por validá-lo e/ou modificá-lo por meio do uso. É o contexto que restringirá dentre as opções fornecidas quais são as melhores e mais aceitas. Pensar em um modelo geral que não se transforme quando inserido em contextos diferentes, é retroceder décadas de estudos e pesquisas e postular o gênero como algo estático e imutável, apenas como um tipo texto com traços e padrões fixos.

O princípio do modelo não é prescrever e sim descrever. É instrumentalizar por meio do estável e do padrão, mas apenas como um andaime, válido, principalmente, para os iniciantes que necessitam de um ponto de partida no começo de sua reflexão sobre pesquisa e academia. A familiarização com um modelo seria um primeiro passo, mas somente por meio da conscientização do que é esperado é que o pesquisador pode desenvolver consciência dos seus espaços de ação dentro da comunidade e do gênero, e começar a manipulá-lo a fim de alcançar tanto as convenções pré-estabelecidas quanto seus propósitos individuais.

A retoricidade é uma das dimensões necessárias para compreender melhor a constituição do gênero *abstract*. Além disso, faz-se relevante um estudo de aspectos linguísticos que podem, ou não, corroborar

os fatos. Com base nisso, procede-se à análise linguística focada nos *hedges* e *boosters*.

2.3. Análise de *Hedges* e *Boosters*

A análise linguística calcada nos estudos de Hyland (1998, 2002, 2011) sobre o uso de *hedges* e *boosters* oferece pistas sobre a forma pela qual as disciplinas concebem o fazer científico. Neste corpus, todos os abstracts de JHE juntos somaram a quantidade de 3084 palavras. Desta quantidade, 57 palavras foram *hedges* (0,18% do corpus) e 34 (0,11% do corpus) foram *boosters*, totalizando 91 palavras no corpus, ou seja, 0,3% de todos os *abstracts*. CA, do total de 1840 palavras, apresentou 46 *hedges* (0,25%) e 19 (0,10%) *boosters*, totalizando 65 palavras, isto é, 0,35% do corpus. A fim de ilustração, observe o gráfico abaixo:

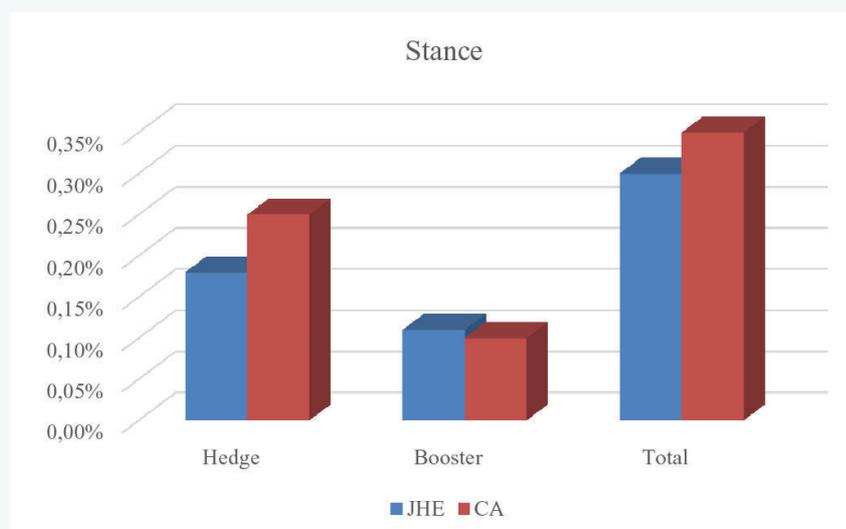


Figura 2 – A porcentagem de *stance* no corpus.

Todos os achados foram compatíveis com o estipulado por Hyland (1998, 2002, 2011). Em ambos os periódicos o número de *hedges* foi superior ao número de *boosters*. Entretanto, observando proporcionalmente, CA apresenta uma porcentagem mais expressiva de recursos interacionais, enquanto a porcentagem de JHE é menor. Fica evidente que não são diferenças grandes, com porcentagens muito distante uma

das outras, por isso é importante lembrar que, apesar de o artigo salientar a diferença entre os periódicos e a questão das subdisciplinas, eles ainda se enquadram nas Ciências Humanas.

Esses dados em conjunto dão suporte a nossa reivindicação de que, apesar de ambos os periódicos serem da mesma disciplina, a influência das disciplinas vizinhas agrega características específicas a cada um deles, fazendo com que o gênero se modifique tanto por sua estrutura como por suas escolhas linguísticas a fim de se enquadrarem nas expectativas de cada comunidade discursiva específica.

Considerações finais

O percurso da pesquisa exposta neste artigo nos leva à discussão de que todas as disciplinas são heterogêneas em sua natureza; não são, por consequência, orientadas por apenas uma teoria, uma metodologia e uma forma de fazer pesquisa. Ao contrário, elas são palco de debates e embates de diversas perspectivas e conseguem estudar o mesmo objeto, de infinitas formas distintas. Essa subdivisão nas áreas faz com que elas se posicionem em locais específicos, fazendo fronteiras com outras áreas e disciplinas. Percebemos que a Antropologia apresenta fronteiras permeáveis e osmóticas, permitindo uma troca maior com o que está ao seu redor.

A questão da flexibilidade de fronteiras fica clara ao observamos que JHE e CA posicionam-se em lugares bem distintos dentro da Antropologia, e esses posicionamentos acarretam consequências para a escrita dos artigos e *abstracts*. Enquanto JHE se foca em questões evolutivas e arqueológicas, o que o relaciona com as linhas de pesquisa de Antropologia Biológica e Arqueologia, e em relação direta com disciplinas biológicas e exatas, CA volta-se para questões antropológicas culturais e sociais, alinhando-se com a linha de pesquisa da Antropologia Cultural, e privilegiando o contato com outras disciplinas humanas, tais como Política, História e Sociologia.

A fronteira com as disciplinas citadas faz com que as subdisciplinas de Antropologia Biológica e Arqueologia agreguem traços mais característicos das Ciências Exatas e Biológicas, como metodologias

mais longas e detalhadas, com procedimentos focados em análises laboratoriais e evidências físicas, e presença de vários resultados, especialmente com número e porcentagens.

Já a Antropologia Cultural se entrelaça com outras disciplinas e subdisciplinas de Ciências Humanas, caracterizando-se por um viés mais interpretativo. Ao contrário de JHE, portanto, em CA prioriza-se mais a interpretação dos fatos do que a prova deles; por esse motivo, os movimentos de contextualização, estruturação e conclusão são mais recorrentes e importantes para esse periódico.

Esse dado resgata a questão da tipificação, discutida por Bazerman (2006, 2009). É comum que as atividades realizadas pelos Antropólogos Físicos envolvam procedimentos quantitativos, sendo refletidos nos gêneros que circulam nessa área, uma vez que a prática é um dos critérios que modelam o gênero. Da mesma forma, as ações dos Antropólogos Culturais envolvem dados qualitativos e humanos, transmitindo essas características em seus gêneros.

Os achados na aplicação de *hedges* e *boosters* dão embasamento aos achados dos movimentos retóricos, uma vez que a presença de *boosters*, mais característicos das Ciências Exatas e Biológicas, é mais marcante em JHE. Em contrapartida, a recorrência de *hedges*, mais característicos das Ciências Humanas, é mais acentuado em CA.

Com base no exposto, cremos que o *abstract* em sua complexidade não é um tipo de texto, com uma estrutura fixa e com um propósito definido. Pelo contrário, ele é moldado pela heterogeneidade constitutiva das áreas e disciplinas, lapidado pelas expectativas das comunidades discursivas, esculpido pelas exigências dos periódicos e suas regras editoriais e, não menos importante, manipulado pelos autores a fim de também cumprir seus propósitos individuais. Apesar de sua curta extensão, é inegável seu equilíbrio entre estabilidade e mudança, padronização e estilização. Parece-nos evidente seu status de gênero do discurso acadêmico.

Recebido em: 01 de agosto de 2015
Aprovado em: 01 de outubro de 2015
E-mails: beatriz_gil24@hotmail.com
solangeibilce@gmail.com

Referências bibliográficas

- ARANHA, Solange. 2004. *Contribuições para a introdução acadêmica*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- BAZERMAN, Charles. 2006. *Gênero, agência e escrita*. In: HOFFNAGEL, Judith C.; DIONISIO, Angela Paiva (Trad./Org.). São Paulo: Cortez.
- _____. 2009. *Gêneros textuais: tipificação e interação*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- _____. 1998. *Shaping Written Knowledge – The Genre and Activity of the Experimental Article in Science Rhetoric of the Human Services*. III. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- BECHER, Tony; TROWLER, Paul. 2001. *Academic tribes and territories: intellectual enquiry and the culture of disciplines*. 2.ed. Buckingham: Society for Research into Higher Education & Open University Press.
- BHATIA, Vijai. K. 1993. *Analysing genre: language use in professional settings*. United Kingdom: Longman Group.
- _____. 2004. *Worlds of Written Discourse: Integrating Research Methods*. London: Continuum.
- CURRENT ANTHROPOLOGY: Most Cited Articles. Acessado em: 20 mai 2012. <http://www.jstor.org/action/showMostCitedArticles?journalCode=curranth>>
- FLOWERDEW, John. 2008. Scholarly writers who use English as an additional language: what can Goffman “stigma” tell us? *English for Specific Purposes*. 7: 77-86.
- GIL, Beatriz. 2011. Comparação entre resumos e seus respectivos *abstracts* publicados em revistas brasileiras sobre Tradução. *Relatório de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: Fapesp.
- HYLAND, Ken. 1998. Boosting, hedging and the negotiation of academic knowledge. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of the Discourse*. 18(3): 349-382.
- _____. 2002. Directives: Argument and Engagement in Academic Writing. *Applied Linguistics*. 23(2): 215-239.
- _____. 2011. Disciplines and Discourse: Social Interactions in Construction of Knowledge. In: STARKE-MYERRING, Doreen, *et al* (Ed.) *Writing in knowledge societies*. Perspectives on Writings. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press: 193-214.
- SWALES, John 1990. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2004. *Research genre: Explorations and Applications*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

SWALES, John; FEAK, Christine 2009. B. *Abstract and the Writing of Abstracts*. Michigan: The University of Michigan Press.

Sites

JOURNAL of Human Evolution: Most Cited Articles. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://www.journals.elsevier.com/journal-of-human-evolution/most-cited-articles/>>

O'NEIL, Dennis. Fields of Anthropology. Acessado em 20 abr 2014 <<http://anthro.palomar.edu/intro/fields.htm>>

WHAT is Anthropology? Acessado em: 20 mai 2012. <http://anthropologyreport.com/what-is-anthropology/>

Bibliografia consultada

ARANHA, Solange. 1996. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. 2001. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*. 22(2): 195-212.

BAZERMAN, Charles. 2005. Gêneros textuais, tipificação e interação. In: DINISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith C. (Trad./Org.). São Paulo: Cortez.

_____. 1998. *Shaping Written Knowledge – The Genre and Activity of the Experimental Article in Science Rhetoric of the Human Services*. III. Wisconsin: University of Wisconsin Press.

_____. 2010. *The informed writer using sources in the disciplines*. Fort Collins, Colo: WAC Clearinghouse.

_____; MILLER, Carolyn. 2011. Bate Papo Acadêmico. In: DINISIO, Angela Paiva; *et al.* (org.). V.1. Recife.

HYLAND, Ken. 2005. *Metadiscourse – exploring interaction in writing*. London: Continuum.

HYNNIDEN, Niin; MAURANEN, Anna; RANTA, Eliana. 2010. English as an academic lingua franca: the ELFA project. *English for Specific Purposes*. 29: 183-190.

SWALES, John; VAN BONN, S. 2007. English and French journal abstracts in the language sciences: Three exploratory studies. *Journal of English for Academic Purposes*. 6: p. 93-108.

Florencia Miranda